



Aprovação do “arcabouço fiscal”, do “Marco temporal”, e manutenção do salário-mínimo de fome e do alto desemprego: o que há para comemorar?

DIREÇÕES SINDICAIS ESTÃO DESCOLADAS DA REALIDADE, NÃO DEFENDEM AS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES E APOIAM O GOVERNO BURGUÊS QUE ATACA OS EMPREGOS, OS SALÁRIOS E OS SERVIÇOS SOCIAIS

Desde o início do ano, temos apontado que as direções sindicais das Centrais, das Federações, dos sindicatos, dos movimentos têm apoiado o novo governo, de Lula/Alckmin. Trata-se, como antes, de um governo burguês que dirige sua política para garantir, por meio do orçamento público, a lucratividade do grande capital e do capital financeiro em particular. Esta é a diretriz do governo Lula, como antes foi dos governos Temer e Bolsonaro. Antes, havia o “Teto de gastos”, agora, a “âncora fiscal”. O objetivo central é sugar a maior parte do orçamento para o pagamento de juros da Dívida Pública, o que sobra (e é menos que a metade, é destinado a “emendas parlamentares”, ajuda a setores capitalistas nacionais, e, por último, aos orçamentos da Saúde, Educação, Assistência Social, Infraestrutura das cidades, etc.).

Isto que afirmamos não é uma “questão ideológica”, é material, e econômica e pode ser avaliada por qualquer um, ao olhar o orçamento de todos os governos burgueses, de antes e de agora. As direções sindicais ignoram isso, porque apoiam o atual governo, porque também se beneficiam com cargos, liberações sindicais, convênios assistencialistas, etc. São direções corrompidas politicamente.

No caso das direções dos trabalhadores dos Correios, desde os estados até as Federações nacionais, também embarcaram na defesa do governo federal atual, e não se opuseram de princípio ao “arcabouço fiscal” e qualquer política de austeridade fiscal, cujo objetivo sempre é o de cortar recursos para os serviços sociais. Mesmo direções mais à esquerda, mais oposicionistas, como a de Minas Gerais (SintectMG), adotaram o discurso de que a proposta “original” de Haddad era “menos pior” que a aprovada na Câmara dos Deputados, por meio das emendas do relator. Este também foi o discurso dominante, mesmo de Centrais de “esquerda”, como a “Intersindical: Central da Classe Trabalhadora”, que soltou notas com outras Centrais, criticando a versão aprovada na Câmara, e defendendo o “projeto original”, que era, desde a sua primeira linha, de defesa do pagamento de juros da Dívida Pública, que sustenta o parasitismo financeiro.

Quando vemos os materiais que os sindicatos e as duas Federações ecetistas produzem, só vemos o elogio ao governo do “diálogo”. Como denunciamos há algumas edições, fizeram, inclusive, propaganda da contratação precária de “jovens aprendizes” para preencher a falta de trabalhadores nas agências dos Correios. É uma vergonha! A defesa da estabilidade dos contratados, a defesa do aumento de vagas para atender a demanda crescente de trabalho (há, ao menos, um déficit de 20 mil postos na ECT) não aparece no discurso das direções.

O desemprego geral da população não diminui em 2023. O resultado do primeiro trimestre foi de aumento do desemprego, chegando a 8,8%, assim como os informais passaram, de 38,8%, para 39%. Sem falar da massa de “desalentados”, que não procuram mais emprego formal (mais 4,3 milhões).

As Centrais e os sindicatos, incluindo os dos ecetistas, em vez de levantarem uma luta nacional em defesa dos empregos e da valorização real dos salários, apenas aguardam pacientemente o “diálogo” com mais este governo burguês. O mesmo governo que manteve o salário-mínimo de fome, e que o manterá para 2024; que não reajustou a tabela do imposto de renda, como prometido; que permitiu a aprovação do “marco temporal”, com a ajuda da base “governista”, e que ataca os povos indígenas; que não reajustou conforme a inflação, o funcionalismo público; e que se empenha fundamentalmente em aprovar a política central econômica do “arcabouço fiscal”.

Não será da colaboração de classe que nascerão as conquistas para a maioria assalariada, incluindo, os ecetistas. É a independência de classe, que se manifesta na organização das Campanhas salariais, nas mobilizações de rua, nos atos e greves generalizados, que poderá garantir vitórias reais, levantando as reivindicações de salário, de emprego e de direitos, por meio dos métodos da ação direta.

Na Campanha Salarial nacional ecetista deste ano, precisamos erguer firmemente a defesa da independência de classe, de oposição a mais este governo burguês, as reivindicações de emprego, salário e direitos, colocando em movimento toda a categoria, e buscando a unidade com o conjunto dos trabalhadores. Esta deve ser nossa política, esta deve ser nossa defesa em cada uma das assembleias locais, regionais e estaduais. Precisamos ir à luta, e não confiar nos patrões, nos capitalistas e nos seus governos!

CAMPANHA SALARIAL 2023

Já se iniciou a Campanha Salarial Nacional, de 2023, com as assembleias regionais e visitas dos sindicatos locais aos CDD, às Agências, para mobilizar a categoria.

Tanto a direção ligada à FINDECT (CTB) quanto à FENTECT (CUT) comparece com o mesmo discurso: “agora é hora de retomar os direitos roubados pelo governo Bolsonaro; agora conseguiremos valorizar a categoria pelo ‘compromisso’ de Lula; agora teremos ‘vitórias’ por termos um ‘governo progressista’”. Parece que estamos ainda em ano eleitoral.

Em vez de as direções apontarem que os trabalhadores devem confiar em sua organização coletiva, em sua força, em seus métodos de luta, para defender o que é necessário para uma vida digna a todos os ecetistas (o que começaria por defender um salário-mínimo vital que partisse do salário calculado pelo DIEESE, hoje em mais de R\$ 6.500,00), estas direções começam a Campanha Salarial já iludindo os trabalhadores, dizendo que terão todos os direitos retomados pelo “diálogo” com o governo, ou seja, sem luta. Este é o caminho para manter o arrocho salarial, as jornadas estafantes de trabalho, incluindo os regimes “especiais”, como o “sistema de distritamento”, que é de maior exploração, etc.

É preciso que levantemos as reivindicações que garantam condições de trabalho, salário-mínimo vital, direitos às mulheres e aos portadores de deficiências físicas, que permita o aumento de postos de trabalho, e que melhore, de fato, o serviço dos Correios para a população. Este con-

junto de reivindicações não pode ser alcançado com o suposto “diálogo” (enganoso como o foi, ao se debater, entre o governo e as Centrais, o salário-mínimo nacional). É preciso assembleias massivas, com paralisação das atividades. É preciso comitês de mobilização, que cheguem a todos os locais de trabalho, e que garantam uma discussão realmente coletiva, e que seja assimilada por toda a categoria. Os métodos da ação direta (assembleia, ato, passeatas, paralisações, ocupações, e a própria greve) são o caminho para arrancar direitos da ECT e deste governo burguês.

14º CONTECT - FENTECT

Na edição anterior de nosso boletim, descrevemos e avaliamos o último congresso da FINDECT. Denunciamos como foi um congresso esvaziado, e cuja política apresentada e aprovada foi, em essência, de colaboração de classe com o governo atual.

A defesa de “fundos de pensão”, de “convênios privados”, tem sido feita contra as defesas das reivindicações históricas dos trabalhadores, a exemplo de um único regime de Previdência, estatal e pago apenas pelos patrões e pelos governos, ou do salário-mínimo do DIEESE, ou a diminuição da jornada de trabalho, etc.

As direções sindicais corrompidas na política de conciliação de classe, de apoio a um governo burguês, também não podem defender a democracia sindical. Por isso, realizam congressos sem grande propaganda, sem retirada de delegados de base a partir de todos os locais de trabalho; e por meio da discussão ampla e irrestrita de posições políticas. Na verdade, estes congressos têm como participação majoritária as direções sindicais locais, já ligada às Federações, às Centrais e aos partidos que são base de sustentação do governo.

O 14º CONTECT, da FENTECT, que ocorrerá de 29 de junho a 01 de julho de 2023, no Distrito Federal, deve repetir o mesmo formato e a mesma política do congresso da FINDECT. As diferenças serão de forma: deve contar com mais delegados, já que têm, em sua base, mais sindicatos estaduais e está ligado à CUT, a maior Central do país; e deve contar com mais palestras e “mesas”, que reforçarão o apoio ao governo de Lula.

Provavelmente, ao contrário do que ocorreu no XII Congresso da FINDECT, o 14º da FENTECT deve contar com grupos “oposicionistas”, isto é, ligados a correntes do PSOL e militantes isolados de outros partidos e correntes de esquerda. Prevemos, no entanto, como será essa “oposição”: reforçará o caráter de “frente ampla com setores conser-

vadores” que constitui o governo e buscará, então, alimentar a ilusão de que é possível, por meio de pressão, fazer o governo de Lula/Alckmin atender “mais” os trabalhadores do que os “capitalistas” e os setores “ultraconservadores”, representados no Congresso. É a velha ladainha de que o governo está “em disputa”.

Como dissemos antes, a aprovação do “arcabouço fiscal” mostra muito bem de que lado está o governo.

O QUE DEFENDEMOS PARA A CAMPANHA DE 2023 E EM CADA DISCUSSÃO DE NOSSA CATEGORIA?

Defendemos que, por meio de nossas assembleias de base, dos comitês de mobilização, da aprovação de pautas de luta que, de fato, mobilizem toda a categoria e apontem para a unidade com o conjunto dos trabalhadores, podemos garantir nossas reivindicações imediatas e as demandas históricas, ligadas ao emprego, ao salário e aos direitos. É preciso mobilização permanente, e não só no mês da “data-base”, como querem as direções, apenas para abrir o “diálogo” com a empresa.

Um passo importante para a organização de nossa categoria é a formação de uma verdadeira oposição classista no interior de nosso sindicato, para fazer frente aos métodos burocráticos das direções traidoras, e que defenda, de forma consequente, as reivindicações e os métodos de lutas. Formar as Correntes Sindicais Marxistas é um passo fundamental para erguer a classe e fortalecer as lutas nacionais.

DEFENDER EM CADA ASSEMBLEIA:

- *Formação dos comitês de mobilização para visitar e mobilizar todos os locais de trabalho;*
- *Campanhas Salariais com paralisação do trabalho, atos de rua e construção da greve nacional, para impor as reivindicações e ganhar a população;*
- *Salário-mínimo Vital, com base no salário-mínimo do DIEESE;*
- *Redução da jornada de trabalho e escala móvel das horas de trabalho;*
- *Derrubada das contrarreformas (Trabalhista, Previdenciária, das leis de terceirização);*
- *Retomada de todas as cláusulas sociais e econômicas perdidas nas últimas campanhas salariais;*
- *Reestatização de todas as empresas privatizadas, e defesa dos Correios 100% estatal, com controle pelos trabalhadores.*

Guerra na Ucrânia: os países imperialistas arrastam o mundo para a barbárie

Depois de mais de 12 meses de Guerra na Ucrânia, o que vemos, dia a dia, é o aumento do armamento pelas potências imperialistas (EUA, Inglaterra, França, Alemanha, e mais outros países ligados a OTAN), cujo único objetivo é destruir a Federação Russa, e garantir que a Ucrânia vire uma base militar para as ações da OTAN na região.

Nas últimas semanas, no que mais se falou foi sobre a “contraofensiva” ucraniana, que nasce por este despejo de armamento que não se via desde a Segunda Guerra Mundial. O fato de a Rússia ter invadido o território ucrâ-

niano para anexar regiões com nacionalidades diversas, algumas das quais em guerra civil contra o governo da Ucrânia porsua separação desse país desde 2014, não pode nos cegar para o objetivo central desta guerra, que não é “defender” a integridade da Ucrânia, mas sim destruir forças produtivas da Federação Russa, para, em seguida, avançar sobre a China. Dois países que realizaram a revolução proletária no passado, e que mantêm, apesar de todas as reformações de seus governos, uma economia assentada na propriedade nacional/estatizada, fruto destas revoluções.

Os países imperialistas, que sofreram com a desindustrialização, com o aumento da inflação, com balanças comerciais desfavoráveis, necessitam destruir estes países, governar o mundo com armas na mão, e impor a barbárie geral.

Por tudo isso, defendemos a derrota militar da OTAN na Ucrânia. A derrota do imperialismo nesta guerra impedirá que avance para outros territórios e alcance seus objetivos de destruir economias inteiras para salvaguardar o capitalismo apodrecido em suas próprias crises e contradições econômicas.